

# AS CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICAS DOS PAPAS BENTO XVI E FRANCISCO SOBRE A ECONOMIA CIRCULAR E A SUSTENTABILIDADE

*Cristiano Nascimento Barreto<sup>1</sup>  
Jairo de Jesus Menezes<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de ajudar a observar como as contribuições teológicas dos Papas Bento XVI e Francisco no que tange a questão da economia circular e a sustentabilidade. A partir das cartas encíclicas *Caritas in Veritate* e *Laudato si'* verificaremos como cada Papa traz à tona a reflexão sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, que Cristo testemunhou com a sua vida divina no meio terreno dos homens e mulheres e o cuidado da casa comum, consciência de que tudo neste mundo é dom, tudo é graça divina e que o mesmo deve ser zelado e amado por todos. Por fim, veremos também neste artigo a educação e a espiritualidade para economia circular e sustentável, averiguando ações concretas que possibilitem uma reflexão séria e honesta sobre a temática.

**Palavras-chaves:** economia, sustentabilidade, caridade, verdade, desenvolvimento, cuidado, educação

## 1.Introdução

O presente texto constitui parte do enquadramento dos eixos temáticos apresentados na SEMOC de 2021, versando sobre a economia circular, saúde e qualidade de vida tendo em vista um olhar da Teologia que nos ajuda a refletir o desenvolvimento no que se refere a humanização do ser humano. Isso implica o entendimento e a prática da caridade e da verdade na economia circular e na sustentabilidade.

---

<sup>1</sup> Graduado Recursos Humano ( Ucsal ), Graduando em Teologia. E-mail: Cristiano-cnb@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Família na Sociedade Contemporânea (Ucsal), Professor. E-mail: jairo.menezes@pro.ucs.br

Outro aspecto é o cuidado que precisa ser dispensado ao nosso planeta; atitudes que sejam concretas no processo contínuo de organização, verificação e de aproveitamento das coisas que são utilizadas e que podem ser reaproveitadas, evidenciando que, mesmo que alguns bens que utilizamos não possam ser reaproveitados, é necessário que seja feito um descarte de forma consciente.

Neste sentido, a educação é o fator primordial para dá dignidade a vida humana. Segundo SUNG: “nesse grande desafio, devemos reconhecer que, na relação entre o sistema econômico e a noção central de dignidade humana só se dá quando os direitos sociais são garantidos” (SUNG, 2018, p.239),ou seja, para darmos essa dignidade de vida aos homens e mulheres é preciso nos educar a cada instante para poder praticar corretamente uma economia circular e sustentável com saúde e bem estar.

## **2. Papa Bento XVI: Fraternidade, desenvolvimento econômico e sociedade civil**

Na carta encíclica *Caritas in Veritate* do sumo Pontífice Bento XVI sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, pode-se entender teoricamente como a economia circular e a sustentabilidade são de extrema urgência para o mundo contemporâneo. Viver a caridade na verdade é um desafio peculiar para as pessoas de hoje, pois se não existir clareza e lucidez sobre as duas instâncias (caridade e verdade) as mesmas podem ser aprisionadas às questões emocionais ou de opinião pessoal dos indivíduos, tornando-se úteis para convivência social, mas marginais no seu sentido amplo e profundo.

O Papa Bento XVI afirma que: “A cidade do homem não se move apenas por relações feitas de direitos e de deveres, mas antes e sobretudo por relações de gratuidade, misericórdia e comunhão. A caridade manifesta sempre, mesmo nas relações humanas, o amor de Deus; dá valor teologal e salvífico a todo o empenho de justiça no mundo.” (BENTO XVI, 2009, p.9-10). Isto equivale a dizer que somos feitos não simplesmente por regras, mesmo que elas sejam justas, mas somos pessoas virtuosas, temos a capacidade de agir com valores

imprescindíveis nas relações e que o bem comum é direito de todos, para que a justiça e a caridade sejam exercidas com integridade universal.

Verificando as ações humanas sobre a Terra, evidencia-se as seguintes análises:

A ação do homem sobre a terra, quando é inspirada e sustentada pela caridade, contribui para a edificação daquela *cidade universal de Deus* que é a meta para onde caminha a história da família humana. Numa sociedade em vias de globalização, o bem comum e o empenho em seu favor não podem deixar de assumir as dimensões da família humana inteira, ou seja, da comunidade dos povos e das nações, para dar forma de unidade e paz à *cidade do homem* e torná-la em certa medida antecipação que prefigura a cidade de Deus sem barreiras. (Papa Bento XVI, 2009, p. 11)

É interessante analisar que, quando se fala de economia circular e sustentabilidade, parece ser um olhar que parte apenas das disciplinas ligadas à economia, política, direito, meio ambiente, excluindo a Teologia dessa realidade, no entanto, há uma interdisciplinaridade e possibilidade em tratar esses temas na sua totalidade. Papa Bento XVI afirma:

A Igreja não tem soluções técnicas para oferecer e não pretende « de modo algum imiscuir-se na política dos Estados »; mas tem uma missão ao serviço da verdade para cumprir, em todo o tempo e contingência, a favor de uma sociedade à medida do homem, da sua dignidade, da sua vocação. Sem verdade, cai-se numa visão empirista e céptica da vida, incapaz de se elevar acima da ação porque não está interessada em identificar os valores — às vezes nem sequer os significados — pelos quais julgá-la e orientá-la. A fidelidade ao homem exige a *fidelidade à verdade*, a única que é *garantia de liberdade* (cf. Jo 8, 32) e da *possibilidade dum desenvolvimento humano integral*. É por isso que a Igreja a procura, anuncia incansavelmente e reconhece em todo o lado onde a mesma se apresenta. (Papa BENTO XVI, 2009, p.13-14)

A missão da Igreja Católica nesse sentido é levar a cada indivíduo a experimentar a criação de Deus no seu sentido de louvor, maravilhamento e agradecimento pela beleza que o mundo nos oferece com a sua natureza, visto que: “a criação existe para o louvor, como afirmou São Bento na sua regra: ‘*operi Dei nihil praeponatur*’ (nada deve ser colocado antes do louvor de Deus) (RATZINGER,2009, p. 36). Nesta expressão percebe-se o quanto é importante todos os campos do saber refletir e ressaltar a importância sobre esta realidade que é a natureza.

Sob o olhar da verdade, o que se pode expor é que o autêntico desenvolvimento do homem perpassa sobre a compreensão de que a sua vida não acaba aqui, pois existe a vida eterna; sem essa perspectiva, o progresso humano neste mundo fica privado de significado, sem essa realidade a humanidade corre sérios riscos de reduzir a vida só ao ter, sem entender o que somos quanto pessoa humana neste mundo, o quanto somos preciosos e o quanto vale a pena viver bem aqui e agora para entrarmos na dimensão futura.

É importante lembrar que a vida humana e a natureza são dons, isto é, a vida é nos dada, ninguém se faz ou se basta sozinho. Somos criaturas de Deus, assim afirma Giussani: “quando olho para mim mesmo e percebo que não estou sendo feito por mim, então eu, eu com a vibração consciente e repleta de afeição que urge nessa palavra, só posso dirigir-me á Coisa que me faz, á fonte da qual provenho neste instante, usando a palavra Tu. ”Tu-que-me-fazes” é o que a tradição religiosa chama Deus”. (GIUSSANI,2000, p.150)

Nesse sentido o Papa Bento XVI nos propõe um caminho importante para um bom desenvolvimento humano e social:

(...) tal desenvolvimento requer uma visão transcendente da pessoa, tem necessidade de Deus: sem Ele, o desenvolvimento é negado ou acaba confiado unicamente às mãos do homem, que cai na presunção da auto salvação e acaba por fomentar um desenvolvimento desumanizado. Aliás, só o encontro com Deus permite deixar de « ver no outro sempre e apenas o outro », para reconhecer nele a imagem divina, chegando assim a descobrir verdadeiramente o outro e a maturar um amor que « se torna cuidado do outro e pelo outro ». (PAPA BENTO XVI,2009, P.17-18)

Tampem vale a pena mencionar as políticas públicas e os seus desdobramentos, seja relacionados à técnica ou as descobertas científicas, que podem tanto contribuir como prejudicar as ações humanas. Zilles nos chama a atenção acerca dos desafios atuais dessa temática: “entre novos e grandes desafios estão as relações entre o homem e seu meio ambiente (Compêndio n. 461-465). Se o homem ficar desatento em sua atividade transformadora e agir de maneira moralmente irresponsável, num futuro não muito distante, nosso planeta tornar-se-á inabitável.” (ZILLES, 2020, P.37)

Outro aspecto levantado pelo Papa Bento XVI está no fato de que nas relações humanas devem estar pautadas no que é mencionado no Evangelho segundo Mateus (Cf. Mt 25,35.37.42), sendo condição *sine qua nom* das relações humanas, seja consigo ou com os outros, além disso o Antigo testamento nos ajuda a nos bem relacionar com a natureza (Cf. Lv 11,36. Ex 15,23-25. 2Rs 2,19-25. Gn 1,11-12. Ex 16,18. Lv 19,25. Dt 20,19).

Bento XVI nos diz que a nossa natureza humana é manchada pelo o pecado original, visto que muitas vezes fazemos a experiência que São Paulo nos diz na carta aos Romanos: “Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, porque o querer o bem estar em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo. Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita. Encontro, pois, em mim esta Lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal” Rm 7,18-21.

O grande dilema hoje nas ações humanas está no orgulho, na autossuficiência e na acídia, que ao invés incentivar a economia circular, torna-se tesouro em vasos de barro. Vivendo numa fragilidade, a convivência humana pode assumir numa postura cada vez mais voltada para si, tornando-se egoísta, pensando apenas nas suas próprias forças e capacidades, o que tem como resultado um vazio existencial:

(...) a convicção de ser auto-suficiente e de conseguir eliminar o mal presente na história apenas com a própria ação induziu o homem a identificar a felicidade e a salvação com formas imanentes de bem-estar material e de ação social. Depois, a convicção da exigência de

autonomia para a economia, que não deve aceitar « influências » de carácter moral, impeliu o homem a abusar dos instrumentos económicos até mesmo de forma destrutiva. Com o passar do tempo, estas convicções levaram a sistemas económicos, sociais e políticos que espezinharam a liberdade da pessoa e dos corpos sociais e, por isso mesmo, não foram capazes de assegurar a justiça que prometiam. (Papa BENTO XVI, 2009, p. 58)

O mercado da atividade econômica tem sua importância para o crescimento das atividades desenvolvidas no grande progresso. O perigo que ronda são os recursos financeiros que só visam a vida como lucro, que visa apenas o capital e esquece que a vida não é só movimento financeiro, de desejos e consumo de bens materiais, mas a vida é marcada por virtudes para o bem comum através da sustentabilidade.

O desenvolvimento dos povos, os direitos e deveres para com o ambiente são valores inesgotáveis para a sociedade, pois a solidariedade e a fraternidade universal é um dever que as pessoas tem necessidades em exercer. A economia tem a urgência da ética para o seu correto funcionamento, porém não qualquer ética, mas que seja uma ética na centralidade da pessoa humana, feita de presença, acompanhamento, formação e respeito.

O Papa Bento XVI afirma que: “Uma das maiores tarefas da economia é precisamente um uso mais eficiente dos recursos, não o abuso, tendo sempre presente que a noção de eficiência não é axiologicamente neutra.” (PAPA BENTO XVI, 2009, p. 95). É importante que a economia circular vise a sustentabilidade, para que o ser humano possa viver bem, com qualidade de vida e saúde, contudo, mais uma vez o Papa Bento chama atenção de que não basta levantar a bandeira sobre cuidar de si sem cuidar da própria natureza: “Para preservar a natureza não basta intervir com incentivos ou penalizações económicas, nem é suficiente uma instrução adequada. Trata-se de instrumentos importantes, mas o *problema decisivo é a solidez moral da sociedade em geral.*” (Papa BENTO XVI, 2009, P.97)

Portanto, a fraternidade, o desenvolvimento econômico e a sociedade civil, segundo o Papa Bento XVI é um caminho a ser proposto para que a economia circular e sustentável possa ajudar cada pessoa a experimentar com consciência o quanto é importante o envolvimento de todos em vista de uma vida

digna e que todos possam viver na comunhão da Trindade, desenvolvendo a atenção da vida humana e espiritual.

### **3. Papa Francisco: algumas linhas de orientação e a ação**

Tendo em vista o que foi dito anteriormente, veremos agora, na carta encíclica do sumo pontífice o Papa Francisco na '*Laudato si'*, louvado seja sobre o cuidado da casa comum. Pode-se perceber pastoralmente caminhos para poder trabalhar numa cultura que gera os recursos a longo prazo, num processo contínuo de reaproveitamento, reciclagem e a valorização de que nada se perde, mas que tudo pode se reinventar.

O Papa Francisco afirma que:

A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que «geme e sofre as dores do parto» (Rm 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (cf. Gen. 2, 7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos. (Papa FRANCISCO, 2015, p. 9)

A violência que nós estamos vivendo hoje na Terra tem sido causada pelas atitudes que o ser humano tem provocado por um ideal político e econômico, tendo como mentalidade usufruir sem olhar as consequências, fazendo valer os direitos pessoais, que a qualquer custo devem ser satisfeitos. Como relata SUNG: “O valor e a importância da vida humana e de qualquer empreendimento são medidos pelo sucesso alcançado” (SUNG, 2018, P.7).

No entanto, a importância de perceber o mundo como mistério gozoso, que possamos contemplar na alegria e no louvor, é um caminho considerável para que as pessoas possam vivenciar a realidade sem fugir dela, mas gozar da mesma em pura harmonia, sem desprezar nada ou desperdiçá-la. Sendo assim, o Papa Francisco nos ajuda a entender que a grande dificuldade de salvação está na indiferença, a resignação acomodada ou a confiança cega

nas soluções técnicas o que se desdobra em uma crise ecológica. Para superar isso é necessária uma motivação e um caminho educativo através de debates sinceros e honestos.

A cultura do descarte que o papa Francisco eleva no seu discurso é contundente diante da realidade em que vivemos, pois prevalece a mentalidade de apenas querer aquilo que me serve, que pessoalmente me é útil; logo o que não serve é descartável, é jogado fora, o que, coletivamente, prejudica o bem viver.

Nesse sentido o Papa Francisco nos convida a fazer uma espécie de *metanoia* de vida:

A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam. É verdade que há outros fatores (tais como o vulcanismo, as variações da órbita e do eixo terrestre, o ciclo solar), mas numerosos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global das últimas décadas é devida à alta concentração de gases com efeito de estufa (dióxido de carbono, metano, óxido de azoto, e outros) emitidos sobretudo por causa da atividade humana. (Papa FRANCISCO, 2015, P. 22)

Os impactos climáticos que hoje sofremos são um problema global que agrava os nossos ambientes, mas também afeta as questões sociais, econômicas, distributivas e políticas, sendo um grande desafio para a humanidade, num futuro próximo, por isso é que a prática da economia circular é urgente e precisa ser disseminada entre as pessoas, e o Papa Francisco nos alerta que essa consciência precisa ser desenvolvida, sobretudo, a quem tem muito: “Muitos daqueles que detêm mais recursos e poder económico ou político parecem concentrar-se sobretudo em mascarar os problemas ou ocultar os seus sintomas, procurando apenas reduzir alguns impactos negativos de mudanças climáticas.” (Papa FRANCISCO, 2015, P.23-24). Ou seja, muitos impactos negativos da ação humana sobre a natureza são omitidos para que não se tornem motivo de revolta entre as pessoas

A perda de biodiversidade frequentemente acontece devido a formas imediatistas de querer reduzir o sentido da economia como simplesmente



uma atividade comercial e produtiva, sem levar em conta como não a prejudica-la ou protegê-la. É importante lembrar que somos seres interligados, ninguém está desconectado neste mundo: “Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros.”(Papa FRANCISCO,2015,P.31). Por isso, que somos seres dependentes uns dos outros, temos necessidades que não conseguimos suprir sozinhos.

A deterioração da qualidade de vida humana e a degradação social, principalmente os efeitos da degradação ambiental e da própria cultura do descarte sobre a vida das pessoas se torna gritante. Uns dos exemplos que o Papa Francisco diz é:

Nota-se hoje, por exemplo, o crescimento desmedido e descontrolado de muitas cidades que se tornaram pouco saudáveis para viver, devido não só à poluição proveniente de emissões tóxicas mas também ao caos urbano, aos problemas de transporte e à poluição visiva e acústica. Muitas cidades são grandes estruturas que não funcionam, gastando energia e água em excesso. Há bairros que, embora construídos recentemente, apresentam-se congestionados e desordenados, sem espaços verdes suficientes. Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contato físico com a natureza. (PAPA FRANCISCO,2015, p.31)

Diante dessa realidade, a comunicação humana vive um verdadeiro desafio: comunicar, partilhar, desenvolver conhecimentos e afetos verdadeiros. Neste sentido cada uma precisa exercitar a empatia de solidariedade de desejo de bem aos outros. A desigualdade planetária chama a atenção sobre os pobres dessa terra, que clamam pelo mínimo para sua sobrevivência por falta de consciência das pessoas, que sobretudo em relação a fome, o alimento produzido é desperdiçado, como se fosse roubado da mesa dos pobres.

O aquecimento global causado pelo enorme consumo de alguns países ricos e grandes empresas, que tem repercussão principalmente nos lugares mais pobres, acrescentam-se aos danos causados pela exportação de resíduos sólidos e líquidos tóxicos para os países em caminho de desenvolvimento.

Por isso, como profetas da vida, queremos insistir que, nas intervenções sobre os recursos naturais, não predominem os interesses de grupos econômicos que arrasam irracionalmente as fontes de vida, em prejuízo de nações inteiras e da própria humanidade. As gerações que nos sucederão têm direito a receber um mundo habitável e não um planeta com ar contaminado. Felizmente, em algumas escolas católicas começou-se a introduzir entre as disciplinas uma educação para a responsabilidade ecológica. (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007. p. 211-212)

Outro aspecto sobre o qual o Papa Francisco nos alerta, através da sabedoria das narrações bíblicas, é a história de Caim e Abel que discorre sobre questões como inveja, injustiça, ódio, desrespeito a vida e relações frágeis, que se resumem num termo de sociologia preconizado por Zygmunt Bauman “relações líquidas”, que é o que conseqüentemente se vive “(...) quando todas estas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo.” (PAPA FRANCISCO, 2015, p.48). Toda vida humana se encontra ameaçada quando o amor é esfriado, quando não se busca zelar ou cuidar do outro como se cuida de si mesmo. Portanto, além de uma economia circular, é necessário reconhecer que “Por isso a Igreja, com a sua ação, procura não só lembrar o dever de cuidar da natureza, mas também e «sobretudo proteger o homem da destruição de si mesmo” (PAPA FRANCISCO, 2015, p.52)

Diante do que foi visto até aqui, resta questionar-nos sobre as orientações práticas que o Papa Francisco delineia neste momento. O diálogo sobre o meio ambiente na política internacional visa encontrar formas eficazes de gestão para revolver as graves dificuldades enfrentadas no meio ambiente e sociais, contudo, para isto é necessário um consenso mundial, uma programação de agricultura sustentável e diversificada, desenvolver formas de energias renováveis e pouco poluidoras, como também “cuidar e tratar da água a ser consumida: as fontes, poços e cisternas devem ser mantidos puros.” (CURSO DE VERÃO ANO XXIX, 2015, p.128)

O diálogo, também para novas políticas nacionais e locais, é indispensável neste momento em que se vale a pena nos questionar: “Como pode a sociedade organizar e salvaguardar o seu futuro num contexto de constantes inovações tecnológicas?” (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 105). Nesse sentido é imprescindível a valorização das políticas públicas, o incentivo a boas ações dos cidadãos, uma participação consciente e ativa dos nossos governantes, a vigilância sobre as aplicações das normas e recursos e ações de controle operacional sobre aparecimento de efeitos não desejados dos processos de produção.

Dialogo e transparência nos processos decisórios: isso envolve a não corrupção, mas por outro lado deve valorizar o ser humano mais do que uma economia de lucro, de colocar o giro capital acima da valorização do sentido ético. Como afirma o Papa Francisco:

É sempre necessário alcançar consenso entre os vários atores sociais, que podem trazer diferentes perspectivas, soluções e alternativas. Mas, no debate, devem ter um lugar privilegiado os moradores locais, aqueles mesmos que se interrogam sobre o que desejam para si e para os seus filhos e podem ter em consideração as finalidades que transcendem o interesse económico imediato. É preciso abandonar a ideia de «intervenções» sobre o meio ambiente, para dar lugar a políticas pensadas e debatidas por todas as partes interessadas. A participação requer que todos sejam adequadamente informados sobre os vários aspectos e os diferentes riscos e possibilidades, e não se reduza à decisão inicial sobre um projeto, mas implique também ações de controle ou monitoramento constante. É necessário haver sinceridade e verdade nas discussões científicas e políticas, sem se limitar a considerar o que é permitido ou não pela legislação. (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 109)

Outros aspecto que é mencionado pelo Papa Francisco é a política e economia em diálogo para a plenitude humana, na qual é valorizado o bem comum de todos a serviço da vida e do meio ambiente visando gerar formas

inteligentes e rentáveis de reutilização, recuperação funcional e reciclagem.  
Segundo Papa Francisco:

a qualidade real de vida das pessoas diminui – pela deterioração do ambiente, a baixa qualidade dos produtos alimentares ou o esgotamento de alguns recursos – no contexto dum crescimento da economia. Então, muitas vezes, o discurso do crescimento sustentável torna-se um diversivo e um meio de justificação que absorve valores do discurso ecologista dentro da lógica da finança e da tecnocracia, e a responsabilidade social e ambiental das empresas reduz-se, na maior parte dos casos, a uma série de ações de publicidade e imagem. (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 114)

Por fim, o Papa Francisco nos propõe as religiões em diálogo com as ciências, tendo uma interdisciplinaridade de pensamento que possibilite ajuda no juízo ético e de moralidade, sendo capaz de dialogar, ouvir e fornecer pontos de ajuda a todos, mas sem ser radicais, moralistas, presunçoso em querer ter a verdade para si: “Em todo o caso, será preciso fazer apelo aos crentes para que sejam coerentes com a sua própria fé e não a contradigam com as suas ações; será necessário insistir para que se abram novamente à graça de Deus e se nutram profundamente das próprias convicções sobre o amor, a justiça e a paz.” (PAPA FRANCISCO, 2015, p.117). É necessário darmos testemunho de fé em harmonia com a razão, sendo construtores de um mundo humano em vistas do desenvolvimento social.

#### **4. Educação e espiritualidade da economia circular e sustentável**

A dimensão educacional e de espiritualidade é indispensável para educar para liberdade, sinal eficaz de uma vida com sentido, com beleza, com ação concreta e sincera na verdade e na caridade, o que se faz necessário para a prática de um economia circular e sustentável. Porém, a grande dificuldade é falar de educação, sobretudo de educação e liberdade para os adultos, pois os mesmos consideram-se pessoas já formadas, que não mais precisam ser

educadas, diferentemente dos jovens e crianças que tem mais abertura a novos conhecimentos.

Giussani nos traz uma definição do que seja educar: “De qualquer forma, educar significa – como dizíamos há quarenta anos, e não encontramos ainda definição melhor do que está – ajudar o espírito do homem a entrar na totalidade da realidade” (GIUSSANI, 2001, p.111) ou em outras palavra do mesmo autor “educar é ajudar a entender os fatores da realidade na sua multiplicação fecunda até uma totalidade, que continua a ser sempre o horizonte verdadeiro da própria ação” (GIUSSANI , 2001, p.112). Introduzir o indivíduo a realidade: eis a questão urgente que a economia circular nos pede para exercer a cada dia.

O Papa Bento XVI, diante da crise econômica, nos conduz ao essencial para eficácia da solidariedade ampla entre as pessoas por meio da educação: “Com o termo « educação », não se pretende referir apenas à instrução escolar ou à formação para o trabalho — ambas, causas importantes de desenvolvimento — mas à formação completa da pessoa.” (PAPA BENTO XVI, 2009, p.113). Somos chamados a desenvolver todo conhecimento não só técnico, mas humano, conhecer o nosso ser sempre será um desafio em todos os tempos: “para educar, é preciso saber quem é a pessoa humana, conhecer a sua natureza. A progressiva difusão de uma visão relativista desta coloca sérios problemas à educação, sobretudo à educação moral, prejudicando a sua extensão a nível universal. Cedendo a tal relativismo, ficam todos mais pobres” (PAPA BENTO XVI,2009, p.113).O perigo de educar é relativizar o ser humano aos aspectos moralistas e deixando cada vez mais distantes do saber humano.

O apontar para outro estilo de vida é um dos aspectos para uma educação que hoje o ser humano é convidado a assumir num sistema que tende a criar um mecanismo consumista compulsivo. O consumismo obsessivo é uma realidade presente na vida das pessoas, que muitas vezes as torna egoístas, trazendo a precariedade e a insegurança. A degradação não é só a nível ambiental, ela é também é a nível comportamental, porque o querer ter fica mais evidente do que pensar em ser, isto é, a valorização do poder sem olhar ao outro.

O Papa Francisco anima quando nos diz que: “Não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir que Deus continua a animar no mais fundo dos nossos corações.” (PAPA FRANCISCO, 2015, p.120). Neste sentido não existirá qualquer sistema que negue o fazer o bem, a buscar a verdade e contemplar a beleza que rodeia a vida dos indivíduos.

Outro aspecto, que pode ser utilizado numa educação espiritualista da economia circular e sustentável, entre a humanidade e o ambiente. Isso envolve a consciência da gravidade da crise cultural e ecológica que estamos passando, sendo necessário criar novos hábitos, desenvolver uma ética ecológica, crescer na solidariedade, na responsabilidade e no cuidado e compaixão com a biosfera. Segundo o Papa Francisco, a educação para uma responsabilidade ambiental tem incidência sobre o nosso cotidiano:

“Evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias... Tudo isto faz parte duma criatividade generosa e dignificante, que põe a descoberto o melhor do ser humano. Voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de o desperdiçar rapidamente pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade.” (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 123)

Nesse sentido, quais são os ambientes que a educação pode e fazer ecoar vários expoentes de espiritualidade sustentável ambiental? Em primeiro lugar é na família o ponto de partida entre todas as áreas educacionais, valendo a pena citar que:

“Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Testemunham esta responsabilidade, primeiro pela *criação dum lar* onde são regra a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado. O lar é um lugar apropriado para a *educação das virtudes*, a qual

requer a aprendizagem da abnegação, de sãos critérios, do autodomínio, condições da verdadeira liberdade. Os pais ensinarão os filhos a subordinar «as dimensões físicas e instintivas às dimensões interiores e espirituais» (17). Os pais têm a grave responsabilidade de dar bons exemplos aos filhos. Sabendo reconhecer diante deles os próprios defeitos, serão mais capazes de os guiar e corrigir.” (CIC, 2007, p.2223)

Além da família, que tem um papel decisivo na educação, temos a escola, os meios de comunicação, o meio religioso (catequese, pastorais eclesiais, casa de formação religiosa), as universidades, os debates políticos e econômicos. Os primeiro passos educativos da missão é cultivar hábitos de amor e cuidado com a vida, incentivando a vivência sustentável no meio ambiente, seja na economia de água e energia, na limpeza, no respeito pelo ecossistema local e na proteção. Por fim, analisando a mudança de mentalidade, é importante propor ações organizadas para tal fim com a colaboração de todas instâncias, sejam elas do Estado, da Igreja ou da sociedade civil.

#### **4. Considerações finais**

Ao chegar no fim desse percurso, consideramos que as ideias, as pesquisas e os questionamentos são de grande valia para olhar a economia circular e sustentável numa perceptiva de saúde e qualidade de vida. Hoje, viver na caridade e na verdade num contexto que relativiza tudo, pode ser considerada uma urgência de reflexão sobre a vida humana. No caminho que foi feito, descobrimos como o desenvolvimento humano carece de atenção para que se mantenha equilibrado entre caridade e verdade para que não se reduza a sentimentalismos ou opiniões pessoais dos indivíduos.

É necessário fazermos uma verificação acerca do cuidado da casa comum, lugar que pertence a todos. Sendo assim, Passos nos apresenta: “a necessidade de *aggiornamento* (atualização), da Igreja ao mundo contemporâneo.” (Passos, 2016. P.82). Esse *aggiornamento* é o ponto crucial que não só a Igreja deve fazer nesse momento da economia circular, como

também toda sociedade é chamada a abrir-se a mudança de mentalidade que o próprio Papa Francisco tem nos alertado nas suas reflexões.

Por fim, a educação e a espiritualidade são as vias de tomada de consciência racional para a sensibilidade humanizante do coração humano. O caminho espiritual e de dignidade humana é um processo que todos devem passar, ninguém deve ficar de fora ou para trás dessa realidade. SUNG afirma que “o grande desafio do século XXI é mudar o sistema de valores subjacentes á economia global para torná-la compatível com a dignidade humana e com a sustentabilidade ecológica” (CAPRA, 2012, p. 14). Isto é, um caminho árduo nestes tempos, pois deve envolver a cada ser humano e as grandes áreas do conhecimento: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Naturais, Engenharia / Tecnologia, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais, Ciências Humanas, Linguística, Letras, Artes e Religião.

## Referências

BENTO.pp.XVI. Carta encíclica: ***Caritas in veritate***. São Paulo. ed. paulinas.2009.

BEOZZO, Oscar José e FRANCO, Bernardete Cecília. Curso de verão ano XXIX, **Economia promotora dos direitos humanos e ambientais**. São Paulo. ed. Paulus. 2015.

**BIBLIA DE JERUSALÉM**. Tradução Ivo Storniolo et al. 8. Ed. São Paulo. Paulus.2012.

**CATECISMO DA IGREJA CATOLICA**. São Paulo. ed. Loyola.2017.

**DOCUMENTO DE APARECIDA**. São Paulo. ed. Paulus. 2007.

FRANCISCO.pp. Carta encíclica: ***Laudato si***. São Paulo. ed. Paulus. 2015.

GIUSSANI, Luigi. **O Senso Religioso: primeiro volume do percurso**. Tradução de Paulo Afonso E. de Oliveira. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira. 2000.

GIUSSANI, Luigi. **O eu, o poder, as obras contribuição de uma experiência**. São Paulo. ed. Cidade Nova. 2001.



PASSOS, Décio João. **Diálogos no interior da casa comum.** São Paulo. ed. Paulus. 2016.

RATZINGER, Joseph. **No princípio Deus Criou o céu e a terra.** Portugal. ed. Principia. 2009.

SUNG, Mo Jung. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos uma crítica teológica do novo mito do capitalismo.** São Paulo. ed. Paulus. 2018.

ZILLES, Urbano. **Desafios atuais para a Teologia.** São Paulo. Ed. Paulus. 2020.